



**NÚCLEO DE HISTÓRIA DA MEDICINA DA ORDEM DOS MÉDICOS**

Lisboa - Portugal

Editora

Maria do Sameiro Barroso

## NOTA EDITORIAL

Terminámos a nossa actividade antes do Verão com a apresentação de um livro de Armando Moreno, uma das figuras que mais se tem destacado no estudo da História da Medicina Portuguesa, autor da obra em doze volumes, “O Mundo fascinante da Medicina”.

Desejamos a todos boas férias. Regressaremos com um programa aliciante.

Aproxima-se o 45th Congress of the International Society for the History of Medicine, September 5-9, 2016 - Buenos Aires. Em colaboração com a Professora Amélia Ricon Ferraz, delegada da ISHM (International Society for the History of Medicine), em Portugal, apresentaremos a candidatura à organização do 46th Congress, em Lisboa, em 2018. Do resultado, que esperamos que nos seja favorável, daremos notícias.

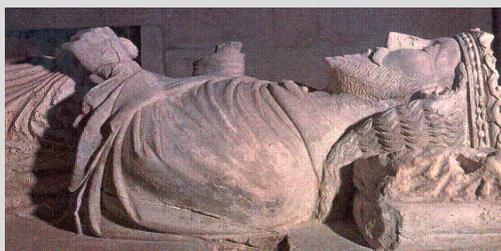
Lembramos que qualquer membro do Núcleo pode propor a organização de iniciativas. Os médicos que quiserem fazer parte do Núcleo devem-nos enviar o nome, número de cédula profissional, endereço electrónico e um contacto telefónico.

Os profissionais de outras áreas que se interessam pela História da Medicina que desejem fazer parte da nossa lista de amigos ou simpatizantes, devem-nos enviar o nome, profissão, endereço electrónico e contacto telefónico.

Lembramos aos colegas e às entidades com as quais temos parcerias, que queiram que divulguemos as suas actividades, que enviem as suas informações, e aos conferencistas das nossas sessões que enviem os seus resumos para publicação no Boletim e na Revista da Ordem dos Médicos. Caso pretendam, podem enviar os textos integrais para publicação no nosso site. Os médicos podem enviar trabalhos não apresentados nas sessões.

Toda a correspondência deve ser enviada para o seguinte endereço electrónico: [nhmom@omcne.pt](mailto:nhmom@omcne.pt)

Apelamos à vossa participação activa e à vossa presença nas nossas conferências e iniciativas.



Caso não deseje receber a nossa informação, agradecemos que nos comunique para [nhmom@omcne.pt](mailto:nhmom@omcne.pt)



NÚCLEO DE HISTÓRIA DA MEDICINA DA ORDEM DOS MÉDICOS

Lisboa - Portugal

## SESSÕES REALIZADAS

### JULHO

Realizou-se, no dia 13 de Julho, quarta-feira, às 21h, a conferência de apresentação do livro, “Causas de morte dos Reis Portugueses”, pelo Professor Doutor Armando Moreno. O tema, um dos mais fascinantes da nossa História, foi apresentado de forma concisa e sistemática, do qual deixamos magníficas imagens, gentilmente cedidas pelo historiador Miguel Infante.



| Em Resumo:                |              |
|---------------------------|--------------|
| Causa de morte            | n.º de casos |
| Acidente Vascular         | 6            |
| Mal Psíquico              | 3            |
| Envenenamento             | 3            |
| Vida agitada              | 2            |
| Tuberculose               | 2            |
| Infecção gastrointestinal | 2            |
| Morte violenta            | 2            |
| Senilidade                | 2            |
| Parto                     | 1            |
| Edema da glote            | 1            |



## ACTIVIDADES DE MEMBROS DO NHMOM

### CONFERÊNCIA DO PROFESSOR JOAQUIM FIGUEIREDO LIMA



Realizou-se, no dia 30 de Junho, às 18h, a conferência “Introdução à História da Dor” pelo Professor Joaquim Figueiredo Lima, organizada pela Secção de História da Medicina da Sociedade de Geografia de Lisboa, na qual ao conhecimento científico se juntou a sua grande sensibilidade e humanismo, numa reflexão lúcida e desassombrosa sobre a natureza humana.

Recordo uma frase: “O homem é o único ser vivo capaz de provocar intencionalmente dor, mas é também o único que tem capacidade para a aliviar”.



NÚCLEO DE HISTÓRIA DA MEDICINA DA ORDEM DOS MÉDICOS

Lisboa - Portugal

## CONFERÊNCIAS POR MARIA DO SAMEIRO BARROSO



Realizou-se, no dia 4 de Julho, às 18h, na Associação Portuguesa dos Amigos dos Castelos, a conferência “O âmbar e o âmbar cinzento: mito, magia e ciência”, com o objectivo de dar informações sobre duas substâncias, mal conhecidas entre nós, pelo seu uso medicinal, ao longo da História.



Realizou-se, no passado dia 14 de Julho, às 18h, na Sociedade de Geografia de Lisboa, organizada pela Secção de História da Medicina, a conferência “Instrumentos médico-cirúrgicos e o seu contributo para o estudo da medicina greco-romana”. Foram esquematizadas as fontes, os constrangimentos que este estudo levanta, tendo sido salientado o complemento prático que fornece para a compreensão dos textos médico-cirúrgicos que formam a matriz da medicina científica actual.



**NÚCLEO DE HISTÓRIA DA MEDICINA DA ORDEM DOS MÉDICOS**

Lisboa - Portugal

**Reportagem da Justnews sobre a conferência do Dr. Carlos Vieira Reis,  
"Anastácio Gonçalves, um príncipe solitário na Medicina e na Arte",  
publicada a 16 de Abril de 2016.**

<http://justnews.pt/noticias/conferencia-deu-a-conhecer-faceta-mais-sombria-do-oftalmologista-anastacio-goncalves#.V42c4dlrKUK>

## **Conferência deu a conhecer «faceta mais sombria» do oftalmologista Anastácio Gonçalves**

Publicado em 20 de abril de 2016 - 15:48

O Núcleo de História da Medicina da Ordem dos Médicos promoveu uma conferência sobre "Anastácio Gonçalves – um príncipe solitário na Medicina e na Arte". O objetivo foi dar a conhecer o lado mais solitário da vida do oftalmologista Anastácio Gonçalves, como referiu à *Just News* o conferencista Carlos Vieira Reis, cirurgião e escritor.

O evento decorreu na Biblioteca Histórica da Ordem dos Médicos, em Lisboa. Carlos Vieira Reis falou da "faceta mais sombria da vida do oftalmologista Anastácio Gonçalves, que era muito introvertido e contido". Em suma, quis colocar "questões e dúvidas sobre a sua vida, como homem e filantropo". Um dos temas abordados foi a possibilidade de Anastácio Gonçalves ter sido, possivelmente, portador da síndrome de Stendhal. Também conhecida como síndrome da sobredose de beleza, trata-se de um distúrbio psicossomático raro, caracterizado por aceleração do ritmo cardíaco, tonturas, desmaios, confusão mental e até alucinações, quando o indivíduo entra em contato com obras de arte, especialmente em locais fechados.



 justNews

# BOLETIM

## Informativo

Nº 18

JULHO

2016

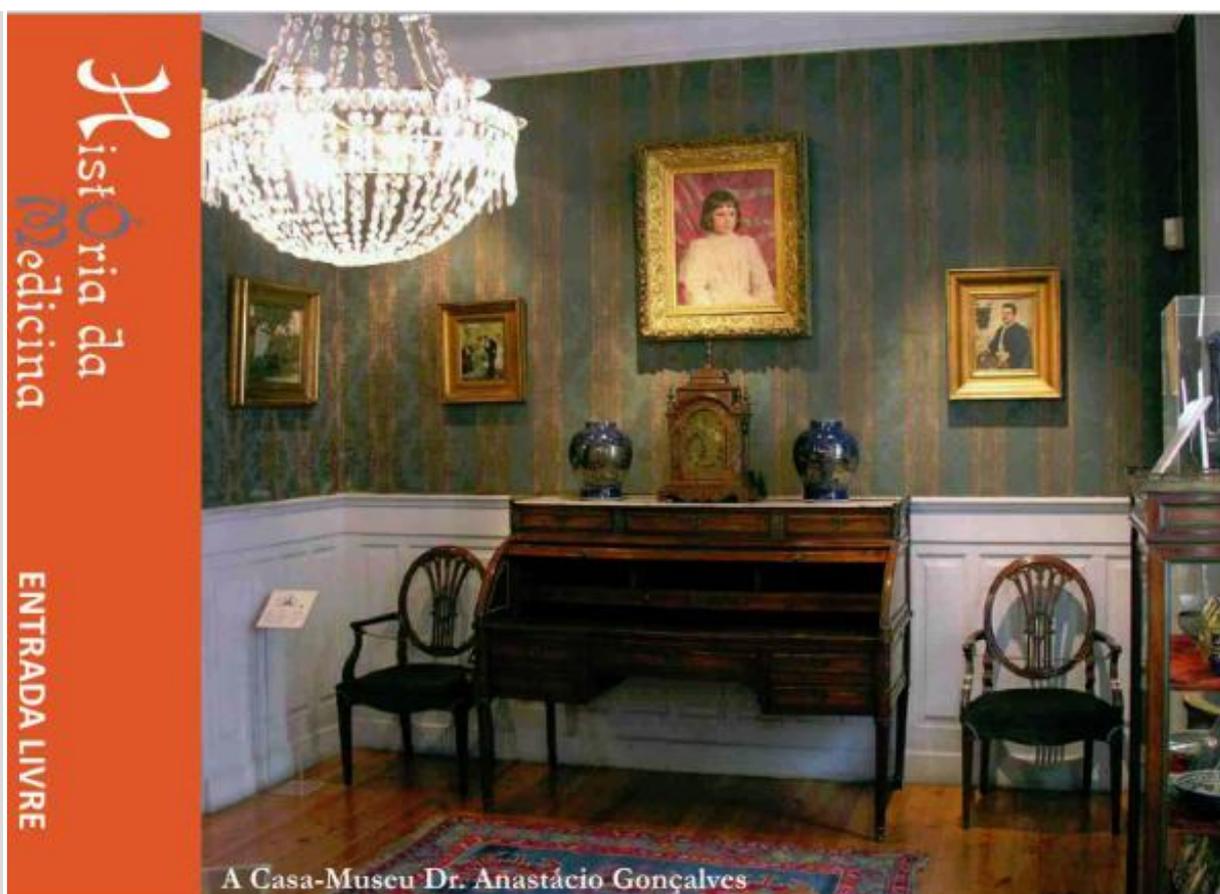


**NÚCLEO DE HISTÓRIA DA MEDICINA DA ORDEM DOS MÉDICOS**

Lisboa - Portugal

Para Carlos Vieira Reis, é pertinente pensar que Anastácio Gonçalves pudesse sofrer deste problema de saúde, tendo em conta a sua maneira de ser. E recorda: “Sabe-se que tentou visitar o Museu Hermitage, na Rússia, a dada altura da sua vida, esteve mesmo à porta, mas foi impossível. Acabou por concretizar esse seu desejo já com 77 anos. Passou o dia inteiro a observar as várias obras e, quando voltou para o hotel, acabou por morrer.” Como salientou Carlos Vieira Reis, é “uma forma diferente de ver este grande médico e artista e abordar uma síndrome da qual ainda não se fala muito na comunidade médica”.

Anastácio Gonçalves nasceu em 1888, em Alcanena, e fez a especialização em Oftalmologia, orientado por Gama Pinto. Entre os seus pacientes teve figuras importantes da sociedade portuguesa, como Calouste Gulbenkian. O médico deixou ao Estado a sua casa, que é hoje a Casa Museu Anastácio Gonçalves, situada em Lisboa, onde se podem ver várias peças que colecionou ao longo da vida.





## PRÓXIMAS ACTIVIDADES DO NHMOM

**22 de Outubro, sábado, 15h**

**Sessão temática no Porto**

**Local**

**Faculdade de Medicina da Universidade do Porto**

**5 de Novembro**

**Seminário sobre o espólio médico do Palácio Nacional de Mafra,  
em parceria com o Palácio Nacional e Mafra.**

**(Programa a divulgar)**

**Local**

**Palácio de Mafra**

**26 de Novembro, 14:30**

**Seminário**

**“O Museu de Anestesia do Dr. Avelino Espinheira”**

**(Programa a divulgar)**

**Local**

**Biblioteca Histórica da Ordem dos Médicos, Lisboa**



## CALL FOR PAPERS

International Symposium

Disease and the Ancient World

21-23 September 2017

Green Templeton College University of Oxford

First Circular

This symposium, the fifth in the series of collaborations, aims to bring together scholars of different disciplines and specializations who are interested in the ways that diseases (individual, epidemic or pandemic) in the ancient world affected society and history in the ancient world in any period up to 700 AD and also how we are able to identify them today from the archaeological, osteological and textual record.

Discussion will be lead by two invited keynote speakers. Location The symposium will be held at Green Templeton College in the University of Oxford and accommodated in a nearby College.

Full details of accommodation costs, registration fees and domestic arrangements will be available by the end of December 2016 for those who have provisionally registered. Papers, Posters and Workshops Other than the keynote speakers, twenty minutes will be allocated to each paper plus ten minutes discussion. The languages of the symposium will be English and German.

There will be unlimited space for posters (size 120 x 90 cm) on any topic related to the themes. Posters will be formally presented at a time reserved for this during the symposium. We also invite proposals by those wishing to organize specialist workshops within any theme of the symposium.

Registration Offers of papers, posters and workshops and provisional requests to participate should be sent to the email address below by 1 December 2016.

Organizing Committee

Professor Robert Arnott (Green Templeton College and Division of Medical Sciences, University of Oxford)

Mag.Dr. Rupert Breitwieser (Altertumswissenschaften, Universität Salzburg)

Dr. Moudhy Al-Rashid (Wolfson College and the Oriental Institute, University of Oxford)

Conference Administration Provisional Registrations/ Further Information

Professor Robert Arnott University of Oxford Email: [Robert.arnott@gtc.ox.ac.uk](mailto:Robert.arnott@gtc.ox.ac.uk)





## RESUMOS DAS CONFERÊNCIAS

### “HISTÓRIA DA CIRURGIA CARDÍACA”

Manuel J. Antunes



Centro de Cirurgia Cardio-Torácica, Coimbra

A história da Cirurgia Cardíaca é bem mais curta que a da cirurgia em geral, se exceptuarmos o episódio único do nosso rei D. Pedro I que, no século XIV, experimentou uma forma simultaneamente estranha e inovadora de colheita de órgãos, ao retirar aos algozes de D. Inês de Castro “a um o coração pelas costas e a outro pelo peito”. Não sabemos se tais operações tiveram lugar em Coimbra, mas terão talvez sido um presságio do que aqui haveria de ocorrer mais de seis séculos depois.

Mas também nesta especialidade, a história não foi completamente vazia de obstáculos. Durante o último século, tinha havido vários episódios e tentativas de intervir sobre o coração. Paixão frequentemente incompreendida pelos pares, como se depreende da célebre sentença, proferida, em 1883, por Theodor Billroth, um dos grandes pioneiros da cirurgia moderna: “o cirurgião que ousasse suturar uma ferida do coração, perderia o respeito dos seus colegas”.

Mas, a verdadeira história da cirurgia cardíaca moderna iniciar-se-ia apenas em Maio de 1953, com a realização, com sucesso, da 1ª cirurgia de coração-aberto com circulação extra-corpórea, efectuada por John Gibbon que, com sua mulher, Mary Gibbon, trabalhara mais de duas décadas, com paixão, na intervenção da máquina de coração-pulmão. Mas, este ato pioneiro e corajoso não foi imediatamente recompensador e Gibbon viria a abandonar a cirurgia, após cinco tentativas subsequentes falhadas. Apenas catorze anos depois, o mundo inteiro viria a ser despertado para esta especialidade pela notícia da primeira transplantação de um coração, realizada na noite de 2 para 13 de Dezembro de 1967, em Cape Town, África do Sul, por



Christian Barnard. Que outro motivo, senão a paixão, o empurrou para esse salto que outros não tinham tido a coragem de dar? A transplantação cardíaca, posterior no tempo à transplantação renal, foi o contributo decisivo para o que René Kuss chamou, em 1991, “A Grande Aventura do Século”.

A nossa disciplina é um dos ramos mais glamorosos da medicina. Nós lidamos com o órgão mais vibrante e dinâmico do corpo humano. Temos o privilégio de tocar o coração, o coração de ricos e de pobres, os corações de todas as idades, tamanhos e cor, mas todos eles deficientes por nascimento ou por doença. Somos verdadeiramente abençoados com a arte de remendar corações danificados e mesmo a arte de mudar corações. O coração que até é, imaginem, o símbolo da paixão, certamente o símbolo mais difundido da história da humanidade. Esta é de verdade, a mais apaixonante de entre todas as especialidades cirúrgicas.

Tal como as restantes cirurgias, a cirurgia cardíaca passa hoje por uma fase de grandes alterações no modo como se faz a abordagem do órgão-alvo. A cirurgia minimamente invasiva veio desafiar um dos princípios em que fui educado de “grandes cirurgiões, grandes incisões”, e já praticamente conquistou a exclusividade em vários tipos de intervenções noutras áreas cirúrgicas.

Um passo ainda mais adiante foi dado com a cirurgia roboticamente assistida, que tem como principal qualidade anular completamente o natural tremor das mãos humanas, especialmente desenvolvido nos momentos mais exigentes da cirurgia. E, teoricamente, permite a um cirurgião operar um doente em qualquer lugar do outro lado do mundo, a partir de Coimbra. Citando Bicha Castelo, “a inimaginável explosão que se antevê nos domínios dos saberes tem tal dimensão e a tecnologia irá oferecer meios tão sofisticados à ciência que tenderão a conduzir o homem para domínios tão íntimos do conhecimento que poderão, eventualmente, levar à profanação da condição e dignidade humanas, que seria imprescindível evitar”.

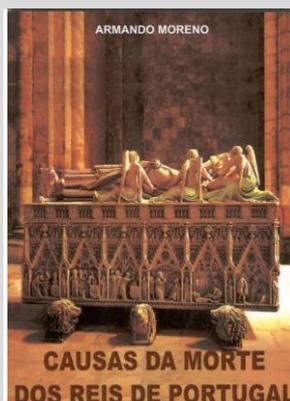
O ser humano não pode nunca vir a ser uma máquina da qual podemos tirar, livremente, as partes avariadas. René Leriche dizia que “o segredo da vida está na capacidade de *savoir s'étonner* – *saber surpreender-se*. É necessário que saibamos continuar a deixarmo-nos surpreender pela vida, com as suas coisas superiores e belas, como são todas as paixões que se pretendem reais, um pouco à semelhança da sociedade perfeita para a qual, na sua obra *Utopia*, publicada em 1516, Thomas More definiu costumes, leis e um código de ética, conducentes à perfeição.

“A cirurgia, além de disciplina do conhecimento, é arte que deve ser cumprida com a ambição de fazer sempre mais e melhor, mas com a humildade de sabermos que as nossas capacidades são limitadas e que, em primeiro lugar, está o respeito pelo doente”. Por isso é que devemos ser fontes inspiradoras dos nossos alunos e formandos para prosseguir uma carreira nesta que é uma das disciplinas mais difíceis da medicina, mas, ao mesmo tempo, uma das mais apaixonantes.



## ”CAUSAS DE MORTE DOS REIS DE PORTUGUAL”

Armando Moreno



As causas da morte dos reis de Portugal estão, em variadíssimos casos, relacionadas com os principais eventos dos seus reinados. Assim, para se entenderem essas causas, é feita uma breve revisão dos eventos fundamentais que então ocorreram seguida, naturalmente, das causas que os motivaram. Em alguns casos mais antigos, é através desses eventos que é possível concluir daquelas causas pois os testemunhos, como se espera, da morte de reis que viveram há nove séculos não foram devidamente registados, não obstante a alta posição social que ocupavam e a existência de cronistas nomeados pelos próprios monarcas que, no entanto, em virtude de a morte constituir um evento desagradável, nem sempre se entregaram à ingrata tarefa de registar os pormenores da sua ocorrência.

A longa lista de monarcas portugueses faz prever uma tarefa árdua e complicada para resumir, em sucintas palavras e exíguo tempo, mas com rigor e algum pormenor cada uma das situações que o autor da exposição nos propõe, apresentando os motivos imediatos, mediatos e causas adjuvantes. Em alguns casos em que a morte ocorreu de modo violento em batalhas, as dúvidas mantêm-se e os vários registos reflectem as modas da Medicina nas respectivas épocas como hoje se admite, com frequência, as doenças vasculares, nos primeiros tempos da nacionalidade as causas emotivas e psicóticas eram assinaladas com maior frequência. A exigência de casamentos entre as famílias coroadas, conduziram, também a situações de consanguinidade responsáveis por surgimento de taras e desvios mentais assinaláveis que se encontram registados nos anais da História.

De qualquer modo, há que vencer as dúvidas, tirar conclusões, estabelecer directivas até obter um conjunto de hipóteses e conclusões credíveis como é feito no presente trabalho.



## “INTRODUÇÃO À HISTÓRIA DA DOR”

J. J. Figueiredo Lima



Robert Kinsley- A primeira cirurgia com éter

As primeiras tentativas para aliviar o sofrimento e a dor perdem-se nos confins dos tempos da humanidade! Recuperar e catalogar procedimentos, invenções, descobertas, tradições e atitudes, significa remexer na poeira da noite dos séculos, referenciando-as, por vezes, sem grande rigor científico e, ainda, rotular personalidades, que contribuíram para a construção de um caminho, de forma exagerada ou, quiçá, injusta.

Meditar sobre esta evolução temporal, que levou ao estado em que nos encontramos (alívio do sofrimento, respeito pela dignidade das pessoas e pelos valores éticos, legais e morais do ser humano, diferenciação tecnológica, imunologia, clonagem e manipulação genética, medicina de urgência, de emergência e de catástrofe, etc.), permite-nos assumir um grande respeito por aqueles que, nas suas épocas, foram pioneiros na busca das miragens que acreditaram poder, efetivamente, alcançar.

As Protomedicinas são encaradas como uma reflexão dos seres humanos sobre si próprios. Divinatórias, expiatórias ou mágicas pretendiam compreender as doenças e as pessoas doentes, as causas e as formas de tratamento. Cada época da História da Humanidade caracteriza-se por atitudes culturais específicas, em função dos contextos geográficos e socioculturais em que se inseriram. As mutações da geografia sociopolítica e cultural da Europa, por exemplo, induziram avanços e retrocessos condicionantes do progresso. Durante a ocupação islâmica da Península Ibérica, a cidade de Córdoba foi, no século X, o centro cultural da Europa. Dispunha de 50 hospitais para uma população de um milhão de habitantes e uma biblioteca com trezentos a quatrocentos mil volumes. No século XII, existiam 70 Bibliotecas na região ocupada pelos árabes na Península Ibérica. Durante o período de



vigência da Inquisição aconteceu não só uma estagnação como uma destruição intencional da cultura e do progresso científico.

Na Europa, os estudos anatómicos e a cirurgia foram quase, totalmente, abandonados pelos constrangimentos impostos pela Igreja Católica. Diversos Concílios Ecuménicos (Reims, Tours, Paris...) impuseram severas penas para a prática de atos anatómicos e cirúrgicos. Maximiano Lemos, na magnífica obra, "História da Medicina em Portugal" (1991, Ed D. Quixote/Ordem dos Médicos) citou: é de notar ainda a proibição absoluta que se faz aos clérigos de se entregarem ao estudo das ciências médicas, ao que eles sempre se subtraíram.

A pesquisa e o desenvolvimento da investigação científica, da biologia, das neurociências, da imunologia e da genética, a introdução de moléculas com possibilidades de diagnóstico e de tratamento de quase todos os males que atormentam o ser humano, o progresso em Anestesiologia que possibilitou a diferenciação das mais complexas técnicas cirúrgicas, permitem capacidades de resolução de problemas nunca antes conseguidas.

Esta evolução não invalida que continuem a surgir técnicas alternativas que envolvem a compreensão integral do ser humano, nas perspetivas biológica, mental e social.

Ao compilar elementos dispersos, oriundos de várias fontes, por vezes não fidedignas, pretendeu-se tornar mais fácil a compreensão da evolução espantosa desta especialidade da Medicina, como arte, denominada Anestesia ou, no conceito mais amplo, da arte, da ciência e da investigação científica: Anestesiologia!

O conhecimento da evolução cultural, científica e tecnológica desenvolvida ao longo dos séculos e dos seus protagonistas permite a compreensão das atitudes, dos gestos e das técnicas que, atualmente são praticadas. A forte componente biográfica de personagens, que assumiram um papel no teatro da vida e das ciências, em diversos ambientes temporais e culturais, deixam-nos espaços para investigação na história da Anestesiologia e da Medicina da Dor.

As novas gerações de Médicos, especificamente os Anestesiologistas deverão conhecer, respeitar e compreender a contribuição de culturas e de profissionais de gerações anteriores, no contexto da época em que viveram, para o alívio da dor e do sofrimento e para a evolução da Medicina até ao estado atual. A história da anestesia só pode ser interpretada corretamente observando-a na perspetiva de outras atividades humanas, médicas, científicas e sociais: invenções, descobertas, guerras, conceitos religiosos e todas as manifestações de arte e de cultura! (Armstrong Davidson, 1965).



## “ÂMBAR E ÂMBAR CINZENTO: MITO, MAGIA E CIÊNCIA”

Maria do Sameiro Barroso



Âmbar, po, óleo granulado, creme para massagem

Gdansk Amber Museum

O âmbar cinzento e o âmbar amarelo, duas substâncias fragrantas, que aparecem nas praias após as tempestades e ambas usadas em medicina, fascinam a humanidade desde tempos remotos, tendo sido frequentemente confundidas. O âmbar cinzento foi introduzido na farmacopeia pelo médico árabe Razes (865-932 d.C.), juntamente com a cânfora e o almíscar, tendo sido identificado como um produto da baleia do alto mar.

Pensou-se que fosse esperma ou placenta de baleia até Walfänger, no século XVIII, descobrir o âmbar cinzento no intestino de um cachalote, pela primeira vez, nos Estados Unidos. Era conhecido nas costas do Oceano Índico, onde era comercializado como afrodisíaco, na medicina popular, desde tempos imemoriais. Na Índia, na Pérsia e na China, era utilizado como medicamento para as tonturas e lipotimias, para fortalecer o cérebro e o coração. Entre nós, o médico português, Cristovão da Costa (c. 1525-1593), referiu que em Setúbal e Peniche apareceram pedaços de âmbar cinzento.

Também conhecido como *ambra ambrosia*, *succinum griseum*, *ambergris*, é uma substância opaca, castanha escura, contendo, por vezes, elementos vários, presentes no intestino do cachalote (*Physeter macrocephalus L.*), a única espécie onde a substância se forma, sendo



depois expelida. Por ter um peso específico baixo, flutua à superfície das águas em grandes pedaços que pesam entre 0,5 a 10 Kg, podendo, em casos mais raros pesar 300 a 400 Kg.

Forma-se apenas em 1% dos cachalotes, pensa-se que por um processo patológico, provocado por ferimentos no intestino, causados pelas cartilagens do choco e crustáceos, ingeridos e não digeridos, que provocam um vómito fecal. O âmbar fresco tem um cheiro a fezes intenso e desagradável. Após exposição ao ar e à luz, exala um odor semelhante a um *bouquet* de flores que foi utilizado no fabrico de perfumes até ter sido proibido, em 1981, por perigo de extinção dos cachalotes, tendo os triterpenóides naturais da ambraína, utilizados pelo seu odor agradável e pela sua capacidade fixação do perfume na pele, sido substituídos pelo diterpeno de síntese.

O âmbar báltico, resina fossilizada de coníferas do eoceno, tem sido usada em artefactos humanos, objectos de adorno com significado simbólico e sagrado, desde o Paleolítico.

Surgindo do mar, o âmbar suscitou fantasias que procuraram explicar a sua origem, figurando nas mitologias antigas, associado às lágrimas derramadas pelos deuses. Numa lenda da Lituânia, o âmbar foi associado às lágrimas da deusa do mar, Juraté, que vivia num palácio de âmbar, no fundo do mar. Juraté apaixonou-se por Kastytis, um belo pescador de âmbar. Perkunas, o grande deus da mitologia lituânica, que também amava a bela Juraté matou o pescador, pois uma deusa não se podia apaixonar por um mortal. De acordo com a lenda, após as tempestades, durante as quais o âmbar é atirado para as praias, ainda se ouvem os lamentos de Juraté por entre os pedaços de âmbar.

Na mitologia grega, figura no mito de Faetonte, filho do deus Hélio que ousou subir demasiado alto com o seu carro. Faetonte aproximou-se demasiado do sol e morreu. O poeta latino Ovídio (43 a.C.-17 ou 18 d.C.) narrou o mito. As irmãs de Faetonte foram transformadas em árvores e as suas lágrimas em âmbar (Ovídio, *Metamorfoses*, II, 367-371)

Usado como ornamento pela sua beleza, ou reduzido a pó e queimado como incenso, em rituais, o âmbar foi um dos ingredientes medicinais mais apreciados durante a Idade Média, usado em elixires ou em compostos.

No início do século XIX, foi identificado como um produto de árvores pré-históricas, semelhantes a pinheiros, originárias do período Terciário. A conífera *Pinus succinifera* constitui a fonte do âmbar báltico. Cerca de 90% do âmbar báltico possui uma alta concentração de ácido succínico, um anódino com propriedades anti-inflamatórias e imunostimulantes, uma vez que é um ácido butanóide que surge nas plantas e que tem um papel importante no ciclo de Krebs.



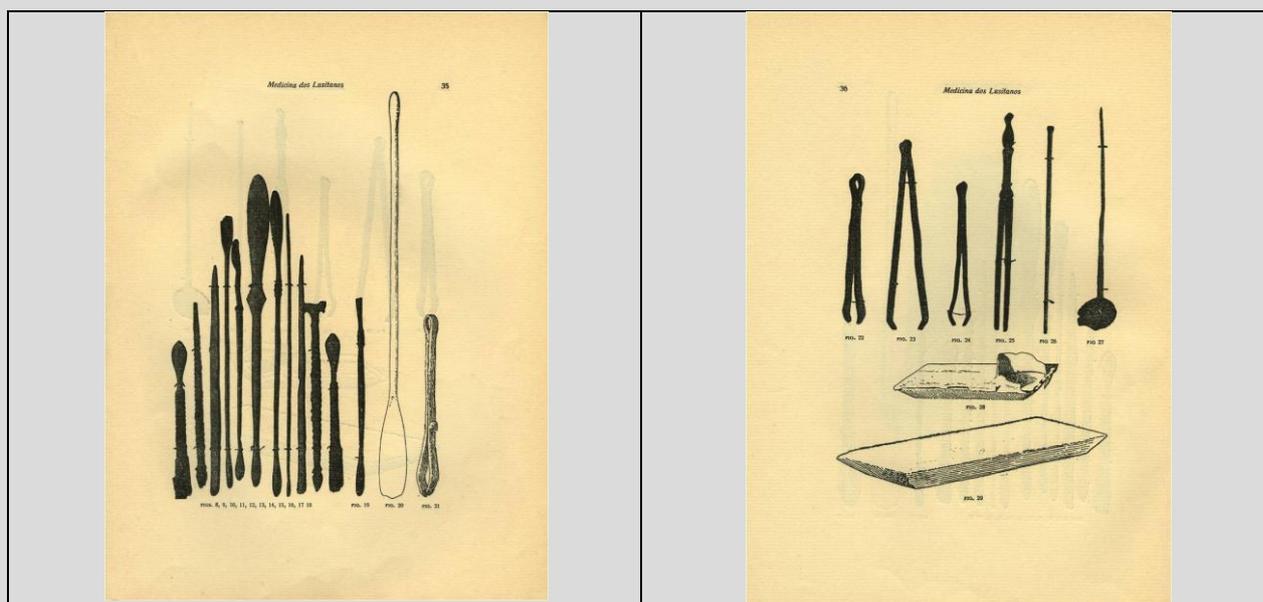
## “INSTRUMENTOS MÉDICO-CIRÚRGICOS E A SUA CONTRIBUIÇÃO

### PARA O ESTUDO DA MEDICINA GRECO-ROMANA”

Maria do Sameiro Barroso

As fontes para o estudo dos instrumentos cirúrgicos greco-romanos inclui os instrumentos, que fazem parte dos objectos arqueológicos do quotidiano e a sua representação em relevos funerários. Os textos médico-cirúrgicos esclarecem a sua utilização. Nem sempre são fáceis de identificar, pois não existem catálogos antigos. Os textos referem-nos, mas raramente os descrevem. O seu estudo fornece o complemento prático indispensável para a compreensão dos procedimentos descritos. Os instrumentos são semelhantes em todo o Império. Esta semelhança e o facto de os médicos se fazerem representar nos relevos com rolos (livros) e instrumentos médico-cirúrgicos aponta para uma formação e uma prática comum. Tal como nos nossos dias, os médicos falavam a mesma linguagem, em todo o mundo civilizado.

O número de instrumentos gregos que chegaram até nós é muito escasso. O estudo dos instrumentos romanos teve início após a descoberta da Casa do Cirurgião, em Abril de 1771, na cidade de Pompeia, sepultada pela erupção de Vesúvio em 79 d. C. Entre nós, José Leite de Vasconcellos (1858-1941), médico, arqueólogo, filólogo, etnógrafo e fundador do Museu Nacional de Arqueologia de Lisboa, iniciou o estudo dos instrumentos médico-cirúrgicos, a partir do espólio procedente de escavações, realizadas por Estácio da Veiga, em Torre d’Ares, no Algarve, que doou ao Museu.



Instrumentos médico-cirúrgicos da “Medicina dos Lusitanos” de José Leite de Vasconcellos.